CONCILIANDO A REALIZAÇÃO PESSOAL, O TRABALHO E A FAMÍLIA: UM ESTUDO COM MULHERES DO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

Ângela Cândido da Silva[1]
Leticia Horn Oliveira[2]

Resumo: O presente estudo teve como objetivo conhecer as estratégias que as mulheres, moradoras de uma cidade no interior do Estado do Rio Grande do Sul, utilizam para conciliar sua realização pessoal, o trabalho e as relações familiares. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, utilizando-se a técnica de entrevista semiestruturada. Os principais resultados apontam as preocupações das mulheres com a excessiva carga ocupacional, estresse no trabalho e discriminação social sobre o trabalho feminino. Quanto às ações de enfrentamento junto à família, as mulheres relatam as cobranças conjugais e exigências próprias pelo desempenho no papel de mãe. Em relação à divisão das tarefas domésticas ainda se veem responsáveis pelas atividades que envolvem a casa, os cuidados e a educação dos filhos. As entrevistadas demonstraram ainda preocupação com o pouco tempo que têm para cuidar de si e priorizar suas próprias demandas.

Palavras-chave: Mulher. Relações familiares. Trabalho.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda as diferentes estratégias utilizadas por mulheres, moradoras de uma cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul, a fim de conciliar a sua realização pessoal, as demandas do trabalho e da família e busca compreender como elas atuam frente a essas necessidades. Sabemos que esse é um tema relevante na atualidade, devido aos múltiplos papéis desempenhados pelas mulheres em nossa sociedade, nem sempre valorizados ou reconhecidos.

Estudos realizados no Brasil por Bruschini (2007) indicam que 55% das mulheres, que exercem atividades fora de casa, têm filhos com até dois anos de idade. Esse indicador cresce para 72,5% quando se trata do percentual de mulheres que trabalham fora e têm filhos maiores de sete anos. No entanto, as mulheres continuam as principais responsáveis pelas

[1] Psicóloga. Faculdades Integradas de Taquara/RS (FACCAT). E-mail: angelap@tca.com.br.
[2]Mestre em Psicologia. Docente do Curso de Psicologia - Faculdades Integradas de Taquara/RS (FACCAT). E-mail: leticiaholiveira@yahoo.com.br.

atividades domésticas, desdobrando-se para atender aos diferentes papéis de mãe, de esposa e de dona de casa e ainda assumindo uma carga horária laboral nas atividades fora de casa.

No Brasil, a sociedade tem um conceito positivo sobre a instituição família, sendo ela considerada relevante na construção social. No entanto, ao mesmo tempo em que se evidencia a importância do papel da família nesse contexto, essa instituição também é responsabilizada pelo sucesso ou o fracasso na formação dos cidadãos. Consequentemente, à família é atribuído o espaço de amor incondicional, de segurança para seus membros, como também é considerado o referencial de formação da identidade desses membros (OSÓRIO, 2009). Diante desse contexto, a autonomia da mulher, conquistada pela sua atuação fora do lar, resulta em modificações na estrutura familiar. Ela passa a compartilhar atribuições sociais e econômicas que vinham sendo de responsabilidade do homem até então.

A partir desses pressupostos, o presente artigo visa compreender como as mulheres enfrentam a realidade vivenciada pela conciliação entre o cumprimento da jornada de trabalho (e, por vezes, os estudos), a convivência familiar e suas próprias necessidades individuais. O estudo também objetiva compreender qual é o conceito que essas mulheres possuem do papel de mãe, de esposa e de trabalhadora na sociedade e como elas gerenciam o tempo para atender a essas demandas.

1 TRABALHO E FAMÍLIA

Pode-se dizer que o trabalho tem um significado que varia conforme o contexto social e o momento histórico que se vivencia, sendo apresentado, ao longo da história da humanidade, de acordo com o nível cultural e com o grau de desenvolvimento da sociedade. Muitas vezes, o trabalho é visto de forma negativa, sendo associado a um estado de sofrimento. Para Probst (2003), o mundo do trabalho vem apostando nas competências femininas tais como, a sensibilidade para trabalho em equipe, habilidades de persuasão e cooperação. Diante disso, evidencia-se que, nos últimos anos, a mulher vem conquistando cargos de topo em organizações e está cada vez mais presente no mercado de trabalho, sem deixar de lado sua dedicação ao trabalho doméstico e os cuidados com a família.

Antunes (1999) destaca, no capitalismo contemporâneo, uma classe que vive do trabalho e possui como núcleo o trabalho produtivo. Para o autor, as condições econômicas e culturais refletem diretamente na vida e nas perspectivas dos trabalhadores e propiciam

transformações, nas quais a renda do trabalho feminino deixa de ser complementar e passa a contar como essencial na economia familiar. Na configuração assumida pela sociedade capitalista, intensifica-se a divisão sexual do trabalho, que se acentua no mundo feminino. Assim, a divisão sexual do trabalho, em nossos dias, aparece como uma das manifestações em que conflitam as relações de poder entre homens e mulheres. Paralelamente a esse processo, ocorre uma das maiores lutas para que essas mudanças passem a ser percebidas como um processo natural nas relações sociais e de trabalho entre homens e mulheres.

Frensch (1992) apud França e Schimanski (2008) avaliam que o trabalho pode adotar outras formas de representação e ser observado de forma prazerosa, que dá sentido à vida e que forma, na identidade pessoal, uma visão de crescimento e de desenvolvimento. Pode-se dizer que o significado do trabalho apresenta-se de acordo com o contexto social e cultural que o sujeito vivencia e de que forma isso está lhe proporcionando realização. Sendo assim, o trabalho pode estar relacionado a sentimentos de sofrimento, mas também é visto como atividade que traz prazer, segurança e realização humana.

Os requisitos que se referem ao trabalho são importantes, pois os indivíduos acreditam em um ideal de modelo de trabalhador disposto, em prontidão para dar conta do movimento produtivo, o que é considerado imprescindível na contemporaneidade. Outro fator que se observa é a responsabilização ou sentimento de fracasso como vivência individual, quando, por conta dos imprevistos, o sujeito não vê seus objetivos atingidos, e suas expectativas não correspondidas. Nesse aspecto, pontua-se a importância da atividade laboral, também como uma forma de atender às necessidades básicas da família e a compreensão, na prática, da transformação social em decorrência do envolvimento na relação sujeito-trabalho (RODRIGUES, 2003).

A família é considerada o primeiro sistema social identificado pelas crianças. Nesse núcleo, naturalmente, elas desenvolvem imagens dos papéis básicos que cada um representa na sociedade: de pais e de filhos, de homem e de mulher, de marido e de esposa. Esses modelos desenvolvidos nas relações familiares são importantes na formação da identidade, favorecem a adaptação ao meio e evidenciam-se como fatores essenciais ao indivíduo, tais como a proteção e os cuidados (SOUZA, 1989).

Minuchin (1990) afirma que a família contemporânea tem passado por mudanças. Ela pode assumir ou renunciar à função de proteção e sociabilização de seus membros, estando isso relacionado às suas necessidades e à cultura. Assim sendo, a estrutura familiar deve ser

capaz de se adaptar, quando as circunstâncias mudam, e de se preparar para transformar-se de maneira que atenda a um esquema de referência para seus membros. Algumas características apresentam-se em comum nas famílias atuais tais como, a diminuição no número de filhos, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e a interação dos membros na economia familiar.

Para Winnicott (2001), a família é a estrutura mais apta a suportar exigências dos filhos. Nesse sentido, a tolerância, os cuidados e as atitudes favoráveis dos pais são os comportamentos essenciais ao desenvolvimento emocional, a fim de conservar o equilíbrio e a saúde da família. Assim pode-se dizer que é considerada uma das funções da família construir a base sobre a qual se desenvolverá o crescimento pessoal do indivíduo.

A partir desses conceitos, a família é compreendida a partir de modelos que descrevem suas possíveis formas de se estruturar, bem como sua transformação ocorrida através dos tempos. Para Nichols e Schawartz (2007), a família deve ser considerada não pelo seu conjunto de membros, mas percebida como um sistema que funciona pelas atitudes e pelas relações dos indivíduos que se complementam através de suas características pessoais. Assim, compreender o significado do que é a família é considerar a individualidade de cada membro pertencente àquele sistema, como a sua adaptação ao longo de suas vivências.

2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO PAPEL SOCIAL DA MULHER E A INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

A evolução do papel da mulher nas famílias se dá a partir do período colonial no Brasil. Para Freyre (2006), era costume as mulheres casarem cedo e, havendo filha solteira de quinze anos em casa, inquietavam-se os pais. Isso nos remete ao modelo de família patriarcal do período colonial, segundo o qual a mulher estava subordinada ao pai ou ao marido, dedicando-se apenas aos afazeres domésticos, restringindo-se suas próprias vontades.

Essa conjuntura se altera a partir da década de 70, no século XX, quando se constrói um novo contexto social, no qual a mulher transpõe outros horizontes e começa a competir em um espaço que até então era considerado do homem. Contudo, mesmo nesse cenário, ainda hoje as mulheres não deixam de ser responsabilizadas com predominância pelas obrigações familiares, tais como os cuidados com os filhos, com os idosos e as atividades domésticas. Segundo Bruschini (1990), o ingresso maciço da mulher no mercado de trabalho

não vem propiciando uma divisão igualitária das tarefas domésticas, mas contribuindo para intensificar a dupla jornada. Estudos iniciais sobre o trabalho feminino no Brasil consideravam o papel da mulher na sociedade produtiva somente relacionado ao trabalho remunerado, não levando em conta as atividades realizadas no lar. Atualmente, ressalta-se que as mulheres estão sujeitas a duas responsabilidades que lhe dão certa dependência: o trabalho e a família. Isso interfere na sua autonomia e na maneira como determinam e orientam suas ações (BRUSCHINI, 2007).

No Brasil, é na década de 90 que ocorre a grande mudança e o fortalecimento da participação da mulher no mercado de trabalho: o aumento de suas responsabilidades no comando das famílias, não somente como cuidadora, mas como responsável por contribuir no sustento da família. Segundo Probst (2003), a mulher viu aumentar sua renda aquisitiva, saiu em busca da ampliação de seu nível de escolaridade e conseguiu reduzir a diferença salarial que ainda existe em relação aos homens. Observa-se, também, que a história da mulher no mercado de trabalho, no Brasil, vem sendo desenvolvida, fundamentalmente, com base em quesitos como a redução do número de filhos e o aumento do nível de instrução feminina. Esses fatores vêm pontuando positivamente levando, passo a passo, à crescente inserção da mulher no mercado de trabalho e, sucessivamente, à elevação de sua renda.

3 RELAÇÕES FAMILIARES E A JORNADA DE TRABALHO DA MULHER

As responsabilidades consideradas ao papel da mulher fazem com que ela se sinta responsável por assumir tanto o trabalho fora de casa como os cuidados com a família. Com isso, evidencia-se que o trabalho remunerado e a vida em família, considerando o clássico modelo em que o homem era o único provedor e a mulher a cuidadora, sofrem modificações. A modernização da sociedade e a revolução industrial trouxeram mudanças no contexto da vida social, na família e no trabalho, refletindo alterações nos estilos de vida e na necessidade de conciliar, no trabalho da mulher, as atividades domésticas, a maternidade e as dimensões que justificam ou tencionam essa conciliação (ARAÚJO; SCALCON, 2006). Pode-se remeter às tensões como algo concreto, por exemplo, a dedicação no cuidado com os filhos, a necessidade de trabalho como resultado ou ganho financeiro e as dificuldades de executar tarefas no exercício profissional, pela falta de equilíbrio entre esses fatores.

Muitas mulheres diminuíram suas aspirações ao casamento e à formação de uma nova família, pois elas desempenham múltiplos papéis nas atividades públicas e em suas vidas cotidianas. Então, compreende-se a mudança que ocorre nos anseios femininos, acarretada por fatores globais que as empurram para os desafios do mercado de trabalho e as fazem adotar saídas como a busca por cuidadores substitutos da família, como creches e escolas ou redes de apoio (VAITSMAN, 2001 apud FRANÇA; SCHIMASNSKI, 2008).

A cultura e a história podem ser consideradas fatores que influenciam sobre o comportamento da mulher, mas devem ser considerados também os aspectos individuais, os quais refletem as identidades que assumem em seu cotidiano. O conceito de identidade está relacionado à forma como o sujeito compreende o seu eu, como concebe aquilo que ele pensa que é (SILVA, 2000).

Acerca da identidade feminina, Silva (2000, p. 11) faz a seguinte abordagem:

> As mulheres são os significantes de uma identidade masculina partilhada, mas agora fragmentada e reconstruída, formando identidades nacionais distintas, opostas [...] A identidade é marcada pelas diferenças, mas parece que algumas diferenças são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares.

Segundo Calçada (2013), a prática da clínica psicológica acompanha, na atualidade, a difícil tarefa que as mulheres enfrentam de conciliar sua realização profissional, sua vida pessoal, afetiva e maternal e ainda se preocupar com aspectos da autoimagem e da sua feminilidade. A vida moderna, o gerenciamento do tempo e os limites internos, são fatores que dificultam ou impedem que a mulher tenha o tempo disponível para si mesma, para que possa refletir e assumir seu papel sem perder sua própria essência. Então, observa-se que a mulher cresceu profissionalmente, tornou-se importante no mercado de trabalho, porém vem acumulando funções, o que pode gerar sobrecarga e dificuldades em sua saúde e na vida pessoal (OLIVEIRA; ALVES, 2002, apud CALÇADA, 2013). A presença das mulheres no mercado de trabalho ocasiona mudanças nas práticas tradicionais vivenciadas nas famílias e propõe desafios a um novo perfil, pois, além de trabalharem fora e assumirem cargos de responsabilidade, ainda continuam presentes nas tarefas tradicionais de mães, esposas e donas de casa.

4 MÉTODO

O presente trabalho tem como característica a abordagem qualitativa e foi utilizada uma entrevista individual em profundidade com mulheres de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Para Minayo (2003), a pesquisa qualitativa atende a questões muito particulares e preocupa-se com as ciências sociais qualificando uma realidade que não pode ser quantificada. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças e valores que correspondem e não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Participaram do estudo seis mulheres e a escolha das participantes foi realizada por critério de conveniência a partir dos seguintes requisitos: mulheres que trabalhassem em atividade remunerada há mais de dois anos; que vivessem em união estável, casadas ou não; idade entre vinte e cinco e quarenta e cinco anos; que tivessem filhos com idade até doze anos.

Quadro 1: Caracterização das participantes, utilizando-se nomes fictícios.

Sujeito	**Idade**	**Profissão**	**Idade dos filhos**	**Tempo de atividade remunerada**	**Tempo de união Conjugal**
Amora	31 anos	Empresária	6 anos	16 anos	12 anos
Begônia	30 anos	Enfermeira	5 anos	8 anos	5 anos
Carla	36 anos	Psicopedagoga	6 anos e 3 anos	18 anos	13 anos
Diva	30 anos	Professora/Aux. Administrativo	08 meses	12 anos	3 anos
Emília	32 anos	Bancária	3 anos	16 anos	4 anos
Fabiana	30 anos	Professora	4 anos e 2 anos	10 anos	5 anos

4.1 Coleta dos dados

Utilizou-se, para coleta de dados, uma entrevista semiestruturada, aplicada de forma individual. O objetivo foi identificar como se configura a realidade das mulheres de uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, sua percepção sobre as relações que envolvem o trabalho e a família, como também suas próprias demandas. Para Marconi e

Lakatos (2009), a preparação da entrevista deve ser considerada uma etapa importante, pois demanda tempo e requer que o pesquisador tenha uma ideia clara da informação que deseja, visando a respostas válidas e pertinentes, pois considera uma verdadeira arte, que exige habilidade e sensibilidade do entrevistador.

A pesquisa seguiu os preceitos éticos que regulam a pesquisa com seres humanos - Resolução nº. 466/12 (CNS, 2013). A coleta de dados iniciou após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas de Taquara, sob o n°. 446. Realizada esta etapa iniciou-se o processo de escolha das entrevistadas, seguindo os critérios éticos da pesquisa, sendo as mesmas preservadas em sua identidade e nomeadas com pseudônimos durante a descrição das informações. As entrevistas com os participantes foram gravadas, mediante autorização prévia por assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4.2 Análise dos dados

As entrevistas foram gravadas e os conteúdos transcritos foram analisados mediante o processo de Análise de Conteúdo de Bardin (2006), que se divide em pré-análise, exploração do material coletado, tratamento dos resultados e destaque das informações para análise e compreensão da entrevista no contexto das categorias. É importante ressaltar que essa ordem não se apresenta de forma sequencial, sendo possível avançar ou retroceder entre as etapas. Assim, acredita-se que a compreensão dos dados pode se dar de uma forma mais completa, profunda e contextualizada.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No que se refere à característica sociodemográfica, as seis mulheres entrevistadas residem numa cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Quanto à escolaridade, uma possui especialização, duas possuem curso superior completo e três estão em curso de graduação. Em relação à média de horas trabalhadas pelas mulheres durante a semana, variou entre quarenta e sessenta horas semanais. Amora trabalha 60 horas semanais, desempenha dupla jornada, folgando um dia por semana. Ela possui seu próprio negócio e estuda à noite mais 16 horas. Begônia trabalha 60 horas semanais, tendo como jornada de trabalho os turnos da manhã, da tarde e da noite. Carla e Diva têm carga horária de trabalho semanal de 40

horas, enquanto Emília e Fabiana têm carga horária de quarenta e quatro horas semanais e estudam à noite mais 12 horas.

A partir dos dados obtidos neste estudo, verificou-se que a mulher, na atualidade, despende grande parte de seu tempo não só ao trabalho remunerado, mas também às atividades de estudo. Segundo Assis (2009), as mulheres buscam na escolarização uma forma de ocuparem melhores cargos nas empresas, de forma a conseguir uma equiparação salarial aos homens.

Após a exploração das entrevistas, ocorreu a realização da análise do material coletado, sendo o conteúdo agrupado em três categorias de forma a responder aos objetivos do estudo. Assim, a fala das participantes aparece em forma de depoimentos a fim de se estabelecer um diálogo com os pressupostos teóricos. As informações colhidas entre relato e teoria têm o objetivo de enriquecer o estudo e conhecer as diferentes maneiras de como as mulheres lidam com a temática proposta nesta discussão, bem como a sua relação com o trabalho remunerado e a família. A partir das três categorias, formularam-se as subcategorias sobre os conteúdos obtidos, que aparecem no Quadro 2.

Quadro 2: categorias e subcategorias

Categoria	**Subcategoria**
Categoria 1 - Trabalho	1.1 Carga ocupacional semanal 1.2 Quebra do planejamento diário 1.3 Sentimento de culpa por absenteísmo 1.4 Discriminação social sobre o trabalho feminino
Categoria 2 – Família	2.1 Disponibilidade da rede de apoio 2.2 Tempo junto aos filhos 2.3 Divisão das tarefas domésticas 2.4 Cobranças conjugais 2.5 Percepção do papel de mãe
Categoria 3 – Realização pessoal	3.1 Cuidados consigo mesma 3.2 Atividades de lazer e bem-estar 3.3 Percepção do papel de mulher na sociedade 3.4 Outras escolhas de vida

5.1 Categoria 1: Trabalho

A categoria 1 diz respeito à percepção que as mulheres têm sobre o trabalho e sua influência em seu convívio social e familiar. Essa categoria divide-se em quatro subcategorias: carga ocupacional semanal, estresse no trabalho, sentimento de culpa por absenteísmo e discriminação social sobre o trabalho feminino.

Segundo Bruschini (2007), o perfil das trabalhadoras forma-se por uma nova identidade feminina voltada tanto ao trabalho como à família, o que não a isenta das responsabilidades do lar, indicando a continuidade do modelo tradicional de família. Em virtude disso, é observada uma sobrecarga nas mulheres trabalhadoras, principalmente em relação àquelas que têm filhos pequenos devido ao tempo consumido em seus cuidados. O resultado dos relatos das entrevistadas quanto à carga ocupacional semanal demonstra a seguinte realidade apresentada na subcategoria 1.1: *"É uma correria, não tenho tempo para nada, acordo às 6 horas e toco direto, sem intervalo para o almoço"* (Amora, empresária). *"Não é tarefa fácil, tudo tem que estar bem sincronizado para nada dar errado (...). Também tem as tarefas da escola, que tenho que ajudar, então é um pouco exaustivo."* (Carla, psicopedagoga). *"Acordo às 5h40min da manhã, já deixo no dia anterior a roupa de nós três arrumadas na sala"* (Begônia, enfermeira). Percebe-se, nesses depoimentos, que as mulheres, mesmo trabalhando fora, sentem-se as únicas responsáveis pela educação dos filhos, pela organização da casa e vivenciam sentimentos de que nada pode dar errado. A mulher trabalhadora realiza suas funções duplamente, dentro de casa, onde consome horas decisivas de trabalho e de orientação na educação dos filhos e na organização pela exigência de resultado produtivo (ANTUNES, 1999).

É possível perceber que, das mulheres entrevistadas, três apresentam curso de graduação completo e três estão cursando nível superior. As mudanças culturais e sociais relacionadas ao papel da mulher apontam uma nova identidade feminina, em que ela busca um maior espaço no trabalho remunerado, ingressando nas universidades, o que viabiliza o acesso a novas oportunidades (BRUSCHINI, 2009). Então, além da responsabilidade dessas mulheres em trabalharem, cuidarem da casa, dos filhos e de si mesmas, ainda se mostram dispostas a estudar, provando que realmente são capazes de realizar muitas coisas com eficiência e extrema dedicação (ASSIS, 2009). Entende-se que, dessa forma, a mulher necessita de equilíbrio para lidar com situações geradoras de estresse, remanescentes do

excesso de sua carga ocupacional e da quebra de planejamento diário, o que se evidencia nas subcategorias 1.2 e 1.3: *"Semana passada, não aceitaram meu filho na escolinha porque ele estava com conjuntivite, aí eu voltei para casa, liguei para o meu chefe e avisei. Eu não me sinto bem de faltar ao trabalho, me sinto culpada, pois não costumo fazer isso" (*Emília, bancária). O comentário de Emília é reforçado pela fala de Fabiana (professora): *"O que mais me consome é o trabalho, porque já chego cansada para atender minhas filhas, tenho que procurar não me estressar por causa delas, pois elas ficam em torno de 10 horas por dia numa escolinha".*

Ainda sobre a categoria trabalho, salientamos que, apesar da crescente representação das mulheres nas organizações, elas ainda enfrentam desigualdades, pois o trabalho masculino e feminino é visto e interpretado de formas diferentes. Salientamos a forma de remuneração, que ainda é percebida pela sociedade da seguinte maneira: a renda procedente do trabalho do homem como fundamental; a renda do trabalho da mulher, complementar (AQUINO, MENEZES, MARINHO, 1995). Tais sentimentos foram relatados pelas entrevistadas na subcategoria 1.4: *"Acho que está valorizado, a sociedade está olhando com outros olhos, embora eu tenha sofrido certa discriminação quando fiquei grávida, fui substituída por um colega e minha promoção não saiu"* (Emília, bancária). *"Acho que mudou muito, para melhor* [...] *acredito que há discriminação salarial entre homens e mulheres que executam a mesma função, pois a mulher aparece com salário menor"* (Carla, psicopedagoga). *"Quando fiquei grávida, tive que escolher entre voltar da licença maternidade aos três meses ou perder o emprego. Aí, coloquei minha filha na creche com três meses de idade"* (Amora, comerciária). Diante dessa discussão, podemos concluir que as mulheres percebem que vêm ocorrendo mudanças sob o olhar da sociedade quanto ao trabalho feminino, mas que há variações nessas percepções sobre o lugar da mulher no espaço do trabalho e também na esfera privada. Podemos considerar que essas percepções da sociedade podem ser explicadas pelos valores morais que, apesar de pregados como liberais e modernos, ainda traduzem atitudes conservadoras, como a divisão das tarefas domésticas e o desempenho do papel de mãe e cuidadora (ARAÚJO, SCALCON, 2006).

5.2 Categoria 2: Família

A categoria 2 aponta para a realidade vivenciada pelas mulheres no contexto familiar. Essa categoria se divide em quatro subcategorias: disponibilidade da rede de apoio, tempo junto aos filhos, divisão das tarefas domésticas, cobranças conjugais e percepção do papel de mãe.

Atualmente, pelo crescente número de mulheres que trabalham fora, os pais buscam o que se pode chamar de rede de apoio, que são os substitutos da família ou cuidadores. Essas tarefas, que antes eram responsabilidade exclusivamente da mulher, são agora compartilhadas com as creches, escolas, parentes, babás, entre outros. Essas instituições possibilitam que os pais possam dedicar-se ao trabalho e, ao mesmo tempo, oferecer os cuidados de que as crianças necessitam (AMAZONAS; VIEIRA; PINTO, 2011). Nos relatos das entrevistadas, constatamos (subcategoria 2.1) a importância da rede de apoio em sua rotina de vida: *"Temos alguns conhecidos que nos ajudam quando nosso filho fica doente, a gente pede aos amigos, não podemos contar com nossas famílias, pois todos moram longe"* (Emília, bancária). *"Outro dia aconteceu de eu ter que recorrer a minha sogra para levar tecido para a escola do meu filho e fui cobrada pela professora que só ele estava sem material"* (Begônia, enfermeira). *"Minha mãe fica na retaguarda, quando minhas filhas ficam doentes, o apoio da família é muito importante"* (Carla, psicopedagoga). *"É a meu pai e minha mãe que eu recorro mais, mas, quando quebra o planejamento, eu fico desestabilizada, é como se eu perdesse o chão"* (Diva, auxiliar administrativo e professora). *"Meu marido leva as crianças para a escolinha, às vezes dormindo, então eu arrumo elas mesmo dormindo, antes de sair. Faço isso porque senão ele se atrasa para o trabalho, sabe como é, arrumar pentear... ele não tem a mesma destreza"* (Fabiana, professora). Em relação a esse relato, será que se Fabiana confiasse mais em seu parceiro na divisão das tarefas, aliviaria sua carga de trabalho? Sobre isso, Amazonas, Vieira e Pinto (2011) abordam que a mulher contemporânea segue um modelo: o de um sujeito autônomo, independente, capaz de se autogovernar, de escolher e de se responsabilizar por suas escolhas, mas que, simultaneamente, depara-se com papéis femininos tradicionais, cobrados pela sociedade, que acabam definindo seus comportamentos. Isso é reforçado por outro depoimento: "*A mulher tem que participar de tudo por pensar que o marido pode ocultar coisas, como numa reunião de pais na escola, por exemplo"* (Carla, psicopedagoga). Fica, portanto, evidente, com esse depoimento, que embora as mulheres desejem compartilhar as tarefas da família com o marido, sentem-se, ao mesmo tempo, ameaçadas pela perda do poder que decorre das crenças sociais, como a de que é ela que

detém o saber sobre o cuidar dos filhos e, por vezes, sente-se dividida em compartilhar esse saber.

Com isso, as transformações que ocorrem no cotidiano das famílias, como adotar novas práticas para cuidados com os filhos, nem sempre acontece de forma tranquila. (AMAZONAS, VIEIRA, PINTO, 2011). Em relação ao tempo com os filhos, as mulheres relatam os seguintes sentimentos na subcategoria 2.2: *"Eu gostaria de ter mais tempo para minhas filhas, mas por enquanto não dá"* (Fabiana, professora). *"Minha filha me cobra: Já está no computador mãe? Queria ter mais tempo para ela*" (Amora, empresária). *"Meu filho disse que, se tivesse que escolher com quem morar, moraria com o pai dele"* (Begônia, enfermeira). Com base nesses relatos, evidenciam-se as interferências da dupla jornada de trabalho nas relações familiares, principalmente nas percepções dos filhos.

As pressões do trabalho nas organizações atuais cobram uma dedicação do trabalho da mulher na mesma proporção dos homens. Quando elas voltam para casa, dedicam-se com a mesma intensidade às atividades domésticas. Sabe-se que alguns homens contribuem com essas funções, mas ficam aquém da energia que as mulheres tendem a empregar (PROBST, 2003). Diante desse contexto teórico, as mulheres trazem a seguinte realidade quanto à divisão das tarefas domésticas apresentadas na subcategoria 2.3: *"80% é comigo"* (Emília, bancária). *"[...] ele é bem parceiro, dividimos as tarefas, 50% para ele e 50% para mim"* (Diva, auxiliar administrativo) *"[...] acredito que 70% fiquem comigo"* (Fabiana, professora). *"[...] ele recolhe a roupa, mas 90% das tarefas domésticas são minhas."* (Amora, empresária). *"Na reunião da escola, sou eu que gosto de ir [...] ele pode deixar passar alguma coisa..."* (Carla, psicopedagoga).

Diante dos relatos das entrevistadas, percebe-se que há uma diferenciação entre a educação recebida e o que se espera de uma mulher na sociedade atual. Que papéis as entrevistadas desejam desempenhar? Para Amazonas, Vieira e Pinto (2011), embora a mulher tenha sido ensinada a se comportar de acordo com determinados padrões sociais diferentes daqueles atribuídos aos homens, ela se depara com um mundo em que esses padrões estão mudando, mas, ao mesmo tempo, não se conforma com as regras e padrões determinados nesse novo papel.

Ainda relacionados aos sentimentos da mulher quanto ao seu papel de mãe e esposa, os relatos são descritos pela categoria 2.4 e 2.5: "*Meu marido acha que me dedico muito ao trabalho, me sinto dividida"* (Emília, bancária). *"Meu marido disse que bati recorde de*

tempo entre cair na cama e dormir: 10 segundos" (Begônia, enfermeira).*"Eu me sinto dividida entre estes papéis"* (Diva, auxiliar administrativo). *"Meu filho me diz: Como tu é chata mãe! Quando eu tô acordado tu tem que sair e quando tu volta eu já tô dormindo"* (Begônia, enfermeira). Diante desses depoimentos, pode-se observar, segundo estudos, que a entrada da mulher no mercado de trabalho trouxe grandes benefícios para o mundo feminino, no entanto os relatos demonstram que a maioria das entrevistadas sofrem cobranças pela ausência de casa.

França e Shimanski (2009) apontam que a ausência junto aos cuidados com os filhos tende a gerar nas mulheres uma percepção de abandono e descuido dos mesmos. Nos relatos feitos pela maioria das entrevistadas, evidencia-se o cuidado com os filhos como responsabilidade sua, percebendo-se uma contradição, na qual as mulheres se encontram divididas entre o velho e o novo papel social. Vejamos o seguinte depoimento: *"No papel de mãe é o único que eu não posso falhar"* (Emília, bancária). Será mesmo que a mulher não pode falhar no papel de mãe? As cobranças quanto à dedicação da mulher, especificamente aos filhos, sobretudo ao olhar do homem, indica que eles continuam valorizando a identidade feminina pelo modo como elas se identificam com os papéis de esposa e de mãe e tendem a manter suas expectativas nesses valores acerca da relação conjugal (ARAÚJO; SCALCON, 2006). Sendo assim, percebe-se que as entrevistas relatam que as mulheres traduzem práticas mais compartilhadas com os homens em relação às responsabilidades domésticas e da maternidade, mas ainda percebem esse papel atribuído à figura feminina.

5.3 Categoria 3: Realização Pessoal

A categoria 3 traz o sentimento das mulheres no que se refere à realização pessoal e à atenção que dedicam às suas próprias demandas. Essa categoria se divide em quatro subcategorias: cuidados consigo mesma, atividades de lazer e de bem-estar, percepção do papel de mulher na sociedade e outras escolhas de vida.

Como já discutido neste estudo, o trabalho é uma das maiores conquistas da mulher, que lhe trouxe ganhos históricos, levando-a a sentimentos de realização significativos. Para França e Schimanski (2009), o trabalho representa, para muitas mulheres, uma realização pessoal, pela conquista da independência e pela valorização individual. Apesar das disparidades entre os afazeres femininos já citados nesta pesquisa, verifica-se também que o

trabalho é considerado para as mulheres uma realização pessoal, pois através dele podem atender às suas necessidades e muitas vezes às da família. Conforme citado na subcategoria 3.3, "[...] *é com a minha renda que pago a aula de piano da minha filha"* (Carla, psicopedagoga). Esse relato nos mostra que há aspectos subjetivos no papel de mulher, que denotam desejos de idealização ou *status* que advêm das condições materiais e financeiras provindas do trabalho. Conforme Araújo e Scalcon (2006), o sujeito ter ou acreditar que tem possibilidades de escolhas confere-lhe satisfação e afirmação econômica.

Na subcategoria 3.2, as mulheres revelam que as atividades de lazer envolvem sempre a família, e, no momento, elas não praticam nenhuma atividade física. "*Sábado e domingo a gente tenta ocupar o tempo todo com as meninas, [...] tentei ir numa academia por recomendação médica, mas fui um dia só*" (Fabiana, professora). *"As atividades de lazer são sempre com a família no final de semana, na semana só dá para chegar em casa tomar banho e dormir"* (Begônia, enfermeira). "*Final de semana a gente sai para passear. Algo só para mim, não"* (Emília, Bancária). No que se refere às estratégias utilizadas pelas mulheres para lidar com o trabalho, com a família e suas próprias demandas, observa-se que a divisão das tarefas domésticas com o cônjuge, em especial quando existem filhos pequenos, afeta seu comportamento, reduzindo o tempo para atividades físicas, relaxamento e outros aspectos que visem ao seu próprio bem-estar (STRAZDINS; BAMMER, 2004 apud VIDAL; NETO, 2009).

Na subcategoria 3.3, elas relatam o seguinte: "*Toda vez que estou a ponto de bala (*ela se refere a estresse elevado*) procuro ajuda, vou ao médico para pedir uma orientação"* (Fabiana, professora). *"Eu gostaria de olhar mais para mim, [...] às vezes parece que esqueço de mim, me sinto confusa e deprimida por me colocar em segundo plano"* (Diva, auxiliar administrativo). Por que Diva apresenta tais sentimentos? Por que esses processos ocorrem? Segundo Bruschini e Recoldi (2009), uma parte importante no processo diário das mulheres e da sua rotina é organizada em razão do cuidado com os filhos, especialmente quando são pequenos. Voltar ao trabalho após a licença-maternidade pode gerar sentimento de culpa em muitas mulheres, conforme relata Diva, que tem uma filha de oito meses de idade: "*O mais desconfortável foi deixar minha filha para trabalhar".* Pode-se constatar que a trajetória de Diva, profissional e pessoal, é permeável às necessidades familiares, em particular ao cuidado com a filha.

Segundo Probst (2003), vem ocorrendo uma inversão de papéis, em que as mulheres vêm conquistando maior destaque no competitivo mundo dos negócios, e os homens, por sua vez, passam a compartilhar as atividades de manutenção do lar e o cuidado com as crianças. Mas se, por um lado, as mulheres desejarem sucesso nessa empreitada, por outro terão de aprender a lidar com as regras e crenças estabelecidas pela sociedade até então. Diante disso, as mulheres entrevistadas nortearam outras opções citadas na subcategoria 3.4 (outras escolhas de vida): *"[...] eu terminaria a faculdade primeiro, para depois engravidar"* (Emília, bancária). *"Eu escolheria outra profissão, que tivesse um horário mais flexível"* (Begônia, enfermeira). *Minha filha pede um irmão, [...] deixei passar muito tempo, hoje não dá"*(Amora, empresária). Evidencia-se, nessas falas, que três das entrevistadas, se tivessem oportunidade, fariam outras escolhas de vida, enquanto outras três (Carla, psicopedagoga, Fabiana, professora, e Diva, auxiliar administrativo) relatam que *"[...] gostariam de diminuir a carga horária de trabalho".* Os relatos, no entanto, mostram que as mulheres avaliam positivamente o trabalho remunerado e não se veem no papel exclusivo de donas de casa: "*Acho que tenho sucesso no meu trabalho"* (Emília, bancária). "*Se parasse de trabalhar, não saberia o que fazer dentro de casa"* (Begônia, enfermeira).

Diante dessa discussão e com base nos dados coletados nesta pesquisa, percebe-se que as mulheres se desdobram para atuar nos diferentes papéis vivenciados em seu cotidiano e que utilizam estratégias como a rede de apoio: avós, escolinhas e eventualmente amigos. Considera-se que, mesmo com a evolução das mulheres no mercado de trabalho e a construção de uma nova identidade, elas lutam para conseguir integrar os diferentes papéis em que atuam na sociedade, ou seja: o de mãe, esposa e trabalhadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo mostram as principais estratégias utilizadas pelas mulheres entrevistadas e como se desdobram para desempenhar os papéis de mães, de esposas e de trabalhadoras. Também se evidenciou, nos resultados da pesquisa, que as mulheres dedicam boa parte de seu tempo aos estudos com o intuito de se manter ou competir no mercado de trabalho. Os relatos ainda apontam que as mulheres, em sua totalidade, demonstram desejos de que, se pudessem optar por uma diminuição na jornada de trabalho, no tempo extra, gostariam de se dedicar mais ao papel de mãe.

A sociedade contemporânea, no que se refere aos valores sociais, está voltada a um modelo de mulher de sucesso, obtido com o bom resultado do desempenho profissional. Diante de tais cobranças, as mulheres relatam que, apesar de ser exaustiva a jornada que desempenham, no momento não se sentem em condições de diminuí-la, seja pela condição financeira, seja pela rotina a qual já estão adaptadas. Contudo, percebe-se que as mulheres se sentem impossibilitadas de realizar atividades significativas para sua saúde e bem-estar. Cabe lembrar que a modernidade, o gerenciamento do tempo e os limites impostos por elas mesmas, são fatores que podem dificultar ou impedir à mulher de adquirir o tempo disponível para si mesma.

Os paradigmas da sociedade impostos à mulher abordam padrões "necessários" de beleza, de inteligência e de sucesso profissional (ARAÚJO, 2008). Sendo assim, se torna importante o papel da psicologia na orientação às mulheres que sofrem com essas exigências, principalmente quando somados a isso, ainda têm que conciliar a vida afetiva e a maternidade.

As mulheres entrevistadas evidenciam, em seus relatos, suas responsabilidades e deveres, ora ao trabalho, ora aos estudos, ora aos filhos e ao marido, sem deixar de se questionar sobre as prioridades, e isso gera muitas vezes angústia. Segundo os relatos, as atividades domésticas e cuidados com os filhos ainda não são compartilhados de forma igualitária entre homens e mulheres, ficando elas com boa parte dessa rotina. Contudo, se torna visível que, quando há o envolvimento do cônjuge nessas tarefas, a mulher sente-se insegura, pois ainda tem a percepção que esse papel deveria ser seu, um papel no qual ela não pode falhar. Avalia-se que há um campo amplo de pesquisa acerca deste assunto e, como sugestão, considera-se que novos estudos possam colaborar com a reflexão sobre os diversos papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade contemporânea.

CONCILIATING ACHIEVING PERSONAL, WORK AND FAMILY: A STUDY WITH WOMEN OF THE INTERIOR OF RIO GRANDE DO SUL

Abstract: The present study aimed to understand the strategies that the women residents of a city in the state of Rio Grande do Sul use to reconcile their personal development, work and family relationships. A qualitative research based on semi-structured interview technique was performed. The main results show the concerns of women with excessive occupational load , job stress and social discrimination on female labor . As for the actions of coping with the family ,women report marital demands and own requirement on the performance in the role of mother. Regarding the division of household tasks still find themselves responsible for

activities involving the home, the care and education of children. The interviewees also expressed concern over what little time they have to take care of themselves and prioritize their own demands .

Keywords: Woman. Family relationships. Work

Referências

AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; VIEIRA, Luciana Leila Fontes; PINTO, Virgínia Cavalcanti. Modos de subjetivação femininos, família e trabalho. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, **Brasília,** v.31 n.2. 2011.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo, 1999.

ASSIS, Rosiani Hernandes. A inserção da mulher no mercado de trabalho. **Instituição superior de educação ceres,** 2009. Disponível em: <http\\www.convibra.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2013.

AQUINO, Estela Maria L; MENEZES, Greice Maria S.; MARINHO, Lílian de Fátima B. Mulher, Saúde e Trabalho no Brasil: Desafios para um Novo Agir. **Caderno de saúde pública,** Rio de Janeiro, v. 11, n2, p. 281-290. 1995.

ARAÚJO, Clara; SCALCON, Celi, Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 62, 2006.

ARAÚJO, Denise Castilhos. Corpo feminino: construção na mídia? **Revista digital,** 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 12 nov. 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdos.** Lisboa: Edições 70, 2006.

BRUSCHINI, Maria Cristina A. **Mulher, casa e família.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

BRUSCHINI, Maria Cristina A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa,** v. 37, n.132, 2007.

BRUSCHINI, Maria Cristina A.; RICOLDI, A. M. R., Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n.136, jan. 2009.

CALÇADA, Andreia. Feminilidade e trabalho são conciliáveis? **Revista Psique**, n.87, p.42-47. 2013.

FRANÇA, Ana Letícia; SCHIMANSKI, Edina. Mulher, trabalho e família**:** uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. **Revista Emancipação,** v.9, n.1. 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala.** 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva. **Técnicas de pesquisa.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org**.). Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 22 ª ed. Rio de Janeiro: ed. Vozes, 2003.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias:** funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

NICHOLS, M. P., SCHWARTZ, R. C. **Terapia familiar:** conceitos e métodos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009**.**

PROBST, Elisiana Renata. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Instituto Catarinense de Pós-Graduação. 2003. Disponível em: < http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf >. Acesso em: 22 ago. 2013.

RODRIGUES, Joelson Tavares, A medicação como única resposta**:** uma miragem do contemporâneo. **Psicologia em estudo,** Maringá, v.8, n. 1, p. 13-21. 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SOUZA, R. P. **Os filhos no contexto familiar e social.** Porto Alegre: Mercado aberto, 1989.

WINNICOTT, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual.** 2. ed. São Paulo, 2001.

VIDAL, Renata de Queiroz Santana, NETO, Annibal Muniz Silvany. Trabalhadoras brasileiras: características socioeconômicas e ocupacionais e perfil de saúde. **Revista brasileira de saúde ocupacional,** 2003. Disponível em: <http\\www.scielo.br>. Acesso em: 11 nov. 2013.